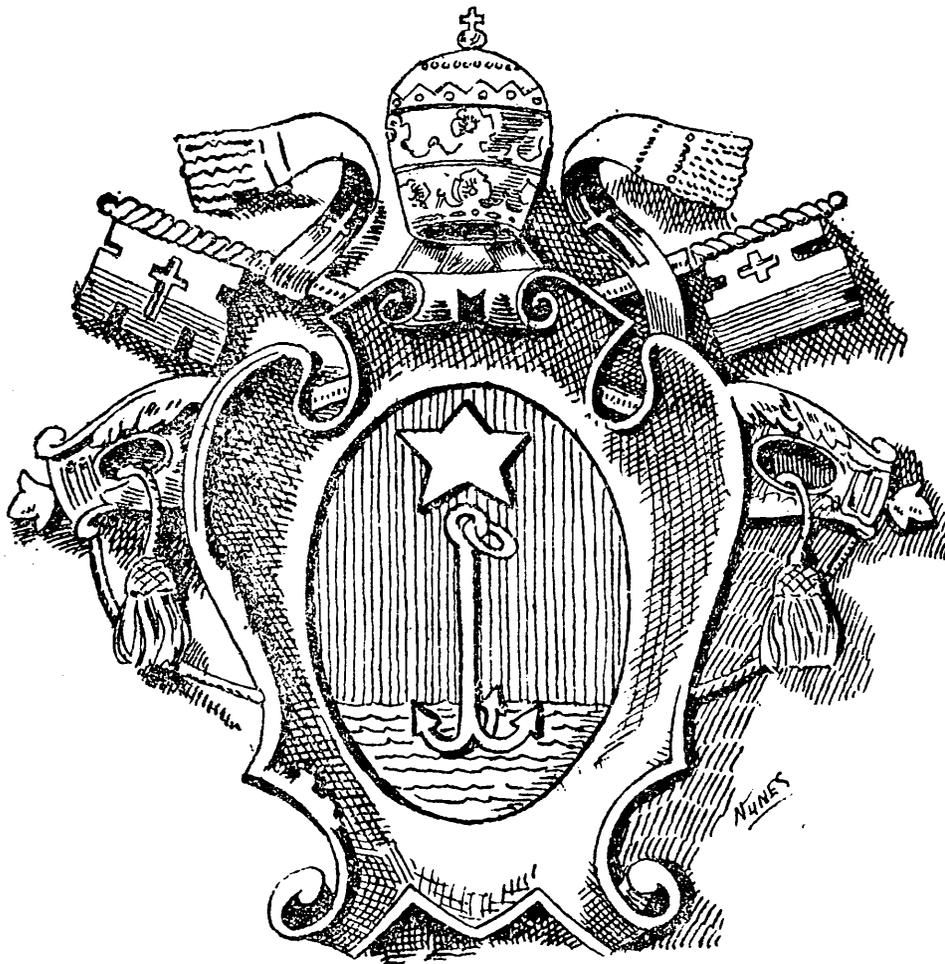


O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Armas de S. S. Pio X

Artigo politico

Andam os ministros em villegiatura pelas diferentes cidades do paiz, mostrando popularidade, e rejubilando pelas recepções pomposas em que são acolhidos pelas auctoridades locais, e pelos seus amigos politicos.

Pela sua parte, apoucam os jornaes da opposição o numero dos carros da comitiva, e deitam um atomo de gelo ao entusiasmo da recepção, a que elles chamam puramente official. Estas asserções são combatidas pelos jornaes governamentais que affirmam serem essas apreciações filhas da paixão partidaria que só vê preto, onde devia ver branco. E' a eterna questão das discussões politicas.

Os jornaes progressistas, como anteveem o poder para o seu partido, logo que este ministerio deponha as pastas nas mãos do chefe do estado, affiançam *urbi et orbe* que o seu partido está unido, disciplinado e compacto, o que não succede com os outros partidos que estão divididos, indisciplinados e sem força.

E n'isto se resume a politica durante os mezes estivaes.

A.

Viva o Papa!

«*Annuntio vobis gaudium magnum!* Temos um Pontifice, o Eminentissimo Cardeal José Sarto, Patriarcha de Veneza, que tomou o nome de Pio X.»

Foi n'estes termos que o cardeal Macchi a 4 de agosto annunciou ao mundo, do alto da *loggia* de S. Pedro, a eleição do successor de Leão XIII; e esta noticia levou a alegria até ás extremidades da terra.

O lucto da Igreja teve fim. Um novo Pontifice subiu á cadeira de Pedro; vão para elle o nosso amor e a nossa dedicação. Assim como amámos e venerámos Leão XIII, assim amaremos e veneraremos Pio X, porque é o Papa, o successor de Pedro, o vigario de Christo, cujo throno ficará eternamente de pé no meio das ruinas que tantas vezes mudaram a face do mundo, porque o Papado é immortal.

Sim, o Papado é immortal; viverá tanto tempo como o que durar a Igreja e a Igreja deve durar até ao fim dos seculos; é a vontade de Jesus Christo; viverá na auctoridade dos bispos de Roma, successores de S. Pedro.

Esta duração, que resiste aos ataques incessantes, que triumpham das assolações inevitaveis do tempo, que contrasta com a queda de tantos imperios desaparecidos, é uma prova irrecusavel da divindade do Papado.

E é uma prova tão notavel, que os nossos proprios inimigos não podem impedir-se de lhe prestar testemunho: «A Igreja catholica romana, diz o grande historiadore inglez, o protestante Macaulay, é a unica instituição, que ainda está de pé, que conduz o pensamento a esses tempos em que o fumo dos sacrificios se evolava do Pantheon, enquanto os leopardos e os tigres rugiam no amphitheatro Flaviano. As mais altivas casas reaes não datam senão de hontem, em comparação com esta successão de Summos Pontifices, que, por uma serie não interrompida, remonta do Papa que sagrou Napoleão no seculo dezenove ao Papa que sagrou Pepino no seculo oitavo. Mas, para lá ainda de Pepino, a augusta dynastia apostolica vae perder-se na noite das eras mais antigas. A republica de Veneza, que se classificava immediatamente depois do Papado pela antiguidade, era moderna relativamente. A republica de Veneza já não existe e o Papado subsiste, não em estado de decadencia, não como uma ruina, mas cheio de vida e com uma vigorosa juventude... Nenhum

signal indica que o termo da sua longa soberania esteja proximo.»

«O Papado, dizia ainda um outro protestante, Leão Say, do alto da tribuna franceza, o Papado tem o direito de dizer aos nossos governos: «Vi-os passar a todos!» e nenhum governo lhe pode dizer: «Vi-o desaparecer!»

«Segundo as leis que regem as instituições humanas, confessa o impio Proudhon, a Igreja devia ter perecido mil vezes; que lhe resta de tudo o que a podia sustentar? Perdeu tudo e o miseravel dominio que obteve outrora da devoção d'uma princeza, a pobre herança de S. Pedro, foi-lhe arrebatada até. E, todavia, a Igreja resiste a todos os ataques; sobrevive a todos os schismas, a todas as heresias, a todos os desmembramentos, ás instituições de S. Luiz como ás liberdades gallicanas, a Pothier como a Descartes, a Luthero como a Voltaire.»

O Papado é immortal. Tantas vezes eloquentes annunciaram a sua morte e estas vozes já estão mudas! Tantas mãos habeis tentaram cavar a ruina da Igreja e estas mãos são hoje inertes e seccas. Tantos politicos sonharam a destruição da sua obra e vêem os seus nomes para o futuro condemnado ao esquecimento da Historia!

«Todos os seculos, disse Lacordaire, n'um movimento de eloquencia que ficou celebre, todos os seculos, ciosos d'uma gloria que desdenha a sua, vieram por sua vez á porta do Vaticano; bateram com o cothurno ou com a bota. A doutrina sabiu da bocca pallida e sem vida de algum septuagenario, que perguntava:

— Que me quereis?

— Mudanças.

— Eu não mudo.

— Mas tudo mudou na humanidade; a astronomia mudou; mudou a chimica, a philosophia, o imperio; porque é que sois sempre o mesmo?

— Porque eu venho de Deus e porque Deus é sempre o mesmo.

— Mas sabei que somos os senhores; temos um milhão de homens em armas; desembainharemos a espada. A espada, que despedaça os thronos, saberá cortar a cabeça d'um velho e despedaçar as folhas d'um livro.

— Despedaça; no meio do sangue hei de rejuvenescer.

— Pois bem: eis metade da minha purpura; concedei um sacrificio á paz e partilhemos.

— Guarda a tua purpura, oh Cesar! A'manhã enterrar-te-hão dentro d'ella e nós cantaremos sobre o teu corpo a *Alleluia* e o *De profundis*, que nunca mudam.»

Por isso a Historia, a cada pagina, presta uma brilhante homenagem á perpetuidade da Igreja e do Papado; por isso a Historia registra, para ensino das gerações, os serviços que o Papado prestou aos povos, os beneficios da sua influencia civilisadora, os castigos dos seus perseguidores; por isso ella testemunha a sua immortalidade e Pedro revive em cada um dos seus successores.

Para o novo Pedro, para Pio X, todo o nosso amor, toda a nossa fidelidade, toda a nossa dedicação. O que eramos para Leão XIII, sel-o hemos para Pio X: os filhos mais submissos e mais dedicados.

Viva Pio X!

G.

LITTERATURA

A Influencia da Igreja

A Igreja, que acudiu á humanidade nos periodos mais tempestuosos e nos lances mais afflictivos, não perden, antes tem sempre de sua mão posses, alentos e recursos para salvar a sociedade, na actual conjunctura tam ouriçada de difficuldades e de perigos. A historia brilha-

tíssima da sua salutar influencia no passado é abonação segura da sua acção valedora no presente e no futuro. Na primeira e heroica quadra da sua existencia, a Igreja encontra em seu aspero caminho, a tolher-lhe o passo e a acção o paganismo fortemente escorado no throno dos Cesares, no estrado dos patibulos, e nas orgias do sensualismo; apoz uma lucta gigantêa, em que torrentes de sangue foram avivadas de torrentes de fé, os Cesares cahiram, os patibulos desconjuntaram-se, os sensualismos renderam-se a Igreja passou e o mundo foi salvo. E se a Igreja salvou o mundo, vencendo todas as suas potestades, foi porque, á maneira de Jesus Christo, passou, evangelizando a verdade, e fazendo o bem.

Ao começar a idade media, foi a Igreja a unica luz nas cerrações d'aquella noite, e o unico abrigo nas convulsões d'aquella tormenta. Quando a onda da barbarie, precipitando-se do norte, desbordou tumida, arrebatada e assoladora, a Igreja plantou a Cruz, e oppoz-lhe um dique; abriu o Evangelho e suavizou-lhe as bravezas. Com a sua palavra, que era um pregão incessante da ordem, com a sua hierarchia, que era um modelo perfeitissimo de organisação, a Igreja levantava-se n'aquelles conturbados tempos, como o primeiro antemural da anarchia; e, quando, atravez de tantas ruinas, avultava, como mais triste, a ruina de todos os direitos, foi, por um destino notoriamente providencial, a barreira da força, a represa do despotismo, a sentinella da justiça, a cidadella dos opprimidos, e a defensora dos povos.

Com as mãos ensanguentadas, a Igreja arroteava a um tempo os maninhos da terra, e os matagaes da intelligencia.

Era ella que afervorava a fé, e fortalecia a perseverança inquebrantavel, do monge solitario, quando elle, nos recessos silenciosos do claustro, recolhia e delectava os monumentos litterarios do mundo antigo, e á luz bruxuleante da sua lampada nocturna, reavivava a luz amortecida do saber humano, e não só guardava, senão tambem accrescentava largamente a herança intellectual da humanidade.

Era a Igreja que accordia os brios do valente soldado das cruzadas, quando elle, á voz de Urbano II, e de Pedro Eremita, e sob o commando do Sobieski e de Carlos Martel, propulsava as invazoras hostes do mahometismo, e salvava, com a liberdade da Europa, os destinos da civilisação christã.

Erguendo em seus braços validissimos as nascentes nacionalidades, ensinava-lhes a preferir o lemma sagrado da sua independencia, e do seu direito, e dava-lhes no leite substancial do Evangelho, com o maior elemento da sua força, a maior força da sua vida. O espirito humano, que ella tam laboriosamente desescureceu e educou, declarando-se em maioridade para proclamar, com desabrimento a sua emancipação, tem-lhe retribuido muitas vezes com a revolta e com a ingratição, revolta injusta contra a sua auctoridade, ingratição descaroadada para com os seus beneficios; mas nem uma nem outra poderão, com toda a sua intensa crueldade, apagar jamais a memoria, luzidissima d'aquelles beneficios, e o esplendido fulgor d'aquelles benemerencias.

A Igreja, que salvou a consciencia humana atravez dos apertados pantanos do paganismo, que libertou a Europa dos terriveis flagicios da barbarie, que resistiu aos accommettimentos do protestantismo, que foi e é uma insurreiçãõ de individualismos e de orgulhos, tem animo, envergadura e peito, para dar batalha campal, e decisiva aos erros, aos males e aos perigos, que impendem sobre a sociedade actual, e para, com a sua acção sempre poderosa, e sempre necessaria, atalhar as explosões do vulcão que, arquejando no seu seio, ameaça assignalar, com o ruído de desabamentos, sem equal, o pávido desfecho de

catastrophes, sem exemplo. E essas explosões não poderiam suffocar as, nem frestas cerradas de baionetas, nem a guela flamejante dos canhões, nem as mais sanguinolentas pressões da força, porque, n'um momento, poderiam cair as armas, e todos os instrumentos de combate das mãos d'aquelles que os meneiam, ao voltar-se, por um subito reviramento, contra os proprios, cujos interesses e cuja vida são destinados a defender e precatur. E as cruentas execuções da força exterminam, mas não convertem.

Nem a politica com as suas flexibilidades e transacções, nem os governos com as suas oscillações, e eclipses, nem a sciencia humana, com as suas negações de hoje a desmentirem as suas affirmações de hontem, tem auctoridade, valia e força para conjurarem esses perigos e arredarem essas catastrophes.

Está na Igreja essa força que se não quebranta; está na Igreja essa pujança, que se não esgota; está na Igreja essa auctoridade que não fraqueja nem abdica. Na sua doutrina, que se não contradiz, e na sua acção que se não entibia, ha claridades, para desenoitecer as escuridões mais tenebrosas, ha remedios para sanear as enfermidades mais perniciosas, ha pharoes sempre accesos, para evitar os naufragios mais lastimaveis, e para mostrar ao mesmo tempo, no seu seio de Mãe, sempre aberto e sempre extremoso, o remansado e pacifico surgidouro, onde seus filhos podem, salvando a vida, refazer conjunctamente as forças.

CONEGO ALVES MATHEUS.

ESTUDOS

O Luxo para Deus

(CONCLUSÃO)

E depois este bom Cura, que se assustou com uma mitra — que, diga-se de passagem, é um primor, porque está toda marchetada de pedrarias cujo sentido symbolico parece escapar-lhe — imaginaria então que é para o seu prazer pessoal que um Abbade a ostenta? Não saberá, pois, que n'um mosteiro o Abbade representa o Christo e que não é senão por causa d'esta effigie que elle se paramenta? A gloria recae em Jesus e não n'elle. Mas ainda ha mais e melhor: em outro convento que eu conheço, as armações interiores do tabernaculo estão todas constelladas de pontos de diamantes. Ora ninguem os vê senão o Padre que abre n'um instante este tabernaculo para d'ahi tirar o santo ciborio.

Como poderá duvidar-se de que não é sómente para exaltar o Salvador que elles ali estão?

Notar-se-ha ainda mais que se estas pedras fôssem falsas, como as que ornam actualmente a maior parte dos altares, ninguem teria nada que dizer. Ninguem ousaria offerecer avellorios e pedras artificiaes a uma pessoa que estimasse; sómente quando se trata de Nosso Senhor isso é outra cousa; para Elle apenas o toque lhe basta!

Mas deixemos isto e vamos até essas famosas construcções de que os jornaes illustrados deram bem mediocres imagens, que não deixam comtudo fazer uma pequena ideia da amplidão e pujança d'este monumento.

E' certo que quasi todos os claustros edificados na nossa epocha são, sob o ponto de vista da arte, completamente nullos; as galerias parecem de papelão, as columnas assemelham-se a toros de madeira caiados de branco, as abobadas são de papel amorfanhado, e, quanto aos ornamentos, é melhor não se fallar n'elles para não nos irri-

tarmos; tudo isto, pois, rescende a construcção moderna tão pretenciosa e precoce, tão pouco resistente e ficticia.

Agora já não se vêem architectos que tenham a envergadura precisa para construir um claustro. Mas, admitindo mesmo que elle exista, será necessario procural-o longe das escolas e longe de Paris.

Artistas perfeitamente desconhecidos, homens muito piedosos, vivendo isolados no fundo d'uma provincia, como Paulo Borel, esse pintor mystico de quem já fallei na «Cathedral», conseguem levar a cabo uma obra de interesse; mas esta obra, em comparação das dos outros, apenas as sobreleva. Falta-lhe sempre alguma cousa e não deixa ver sobretudo o ideal monastico; emfim, a escassez de tempo e de dinheiro são sufficientes talvez para que o lado debil d'uma tarefa apressada se atteste. Estes claustros são feitos só para alguns annos e não para a eternidade, segundo a expressão d'outr'ora.

Na verdade, é muito difficil a um leigo, que nunca vivera n'um mosteiro, a erecção d'um claustro. Elle será sempre despido d'um sentido especial, sahido da propria particularidade d'uma existencia confinada, em um meio fechado nos exercicios d'esta liturgia e no estudo d'estes symbolos sem os quaes nenhuma obra de architectura mystica é possível. Só um verdadeiro artista, que fôsse a um tempo um santo e sabio monge, seria capaz de encontrar o estado d'alma e a sciencia da Edade Media necessaria para edificar uma abbacia; e é justamente este problema que parece tão difficultoso de resolver que Solesmes o conseguiu.

Este mosteiro tinha entre os seus padres um architecto de talento, Dom Mellet, que havia renunciado á arte para entrar no claustro. O abhade encarregou-o de reconstruir este convento, onde vivia ha bastantes annos e que não só se havia tornado insufficiente como tambem ameaçava ruina. Deitou-se elle ao trabalho e realisou emfim a unica obra moderna de architectura monachal que existe em França, pelo menos no nosso seculo.

Visto de baixo, da margem do Sarthe, por cima da qual se eleva, este edificio mostra-se formidavel; talhado em pleno granito, flanqueado de torres macissas, alevantando-se até alturas vertiginosas, deixando-nos suffocado ante a potencia d'esta massa, jorrando d'entre os relevos gigantes dos contrafortes. Invencivelmente, pensamos logo n'uma architectura claustral e militar, n'um monte de S. Miguel, n'um d'esses conventos fortificados, taes como os fundou na Edade Media a ordem de S. Bento.

E ha effectivamente qualquer cousa d'isto na segurança imponente e na força tranquilla d'este monumento.

Passado o primeiro momento de surpresa, ao examinar-se a sua fachada, vê-se ahí que sob a sua apparencia de grandeza e simplicidade encobre os mais curiosos detalhes. Com a sua aliança da ogiva e do semi-circulo, com as janellas das suas torres, que se julgariam ter pulado umas por cima das outras antes de se fixarem, o aspecto monotono, que estas immensas muralhas apresentariam se fôsem regulares em todas as suas partes, não existe ahí, e nada ha mais atrahente que as altas janellas ogivadas desenhadas pelos contrafortes, envolvendo aberturas que parecem cavalgarem se e que nenhuma se assemelha entre si.

E o interior não é menos variado. O refeitório tem a envergadura d'uma cathedral, com os seus enormes pilares que supportam o vôo das abobadas; e ainda, n'esta salla, alguns motivos imprevistos nos deleitam: uma alta chaminé embelleza todo um lanço de parede, e os capitais das columnas são como um memorial delicioso e bizarro, esculpido de mochos dispostos em fiadas de corvos caros a S. Bento, taças de peçonha quebradas pelo signal da cruz do santo, e ainda animaes e objectos,

recordando os episodios da vida do Patriarcha e reportando-se ao lendario da Ordem.

O resto da abbacia não está ainda concluido; mas que impressão de forte monastico e de claustro armado, que ambiente de pura Edade Media se acha espalhado por estas escadarias, em que umas se torcem em espiral de S. Gil e as outras se entrecortam, destruindo esta symetria de que os architectos modernos são tão altivos! E ha, ao cabo de galerias interminaveis, perspectivas inesperadas, mudanças de andares, diversificando-se, apertando os corredores, quebrando-os, alargando-os, abrindo subitamente, n'uma volta, uma vista panoramica para a limpida paisagem banhada pelo Sarthe.

Em summa, — e é isto o que as pessoas que tagarellam a torto e a direito deviam bem esforçar-se por comprehender — o luxo, ou antes a belleza d'estas novas construcções de S. Pedro de Solesmes serve para exaltar a gloria de Deus e do santo em honra do qual foram elevadas; depois, n'um outro ponto de vista, esta abbacia é, como acabo de dizer, o unico esforço de arte verdadeiramente monastica do nosso tempo. E', pois, uma verdadeira obra que se realisou não só como o abhade a quiz, mas tambem como o monge a concebeu.

(Trad. de P.)

HUYSMANS.

DE TUDO UM POUCO

Calendario :

Setembro
1
1903

Faz 1299 annos que foi eleito o papa Sabiniiano, (604). Foi o 67.º na ordem dos Summos Pontifices, tendo por seu antecessor o papa S. Gregorio I, e por successor o papa Bonifacio III. Viveu apenas dois annos, depois da sua elevação ao solo pontificio, pois falleceu em 606. E pouco conhecida a sua vida. Consta que foi no seu pontificado que se inventaram os sinos.

Humorismos :

Casaram duas amigas, havendo entre um e outro casamento e intervallo d'um mez. Ao fim de seis mezes encontraram-se n'uma *soirée*.

— Como te dás com teu marido? perguntou uma amiga á outra.

— Dou-me bem; tenho só um desgosto.

— Qual é?

— Recolhe-se muito tarde o meu marido. Vem sempre depois da meia noite.

— Pois o meu recolhe-se mais cedo, e é exactamente isso o que me faz affligir.

— Como assim, minha amiga?

— Imagina tu: vem sempre *entre as dez e as onze!*

*

Um dia um mendigo foi fazer a barba, a casa d'um barbeiro, que lha costumava fazer de graça, uma vez por semana, por amor de Deus.

O pobre entrou, depoz o pau e a sacola a um canto da loja, e foi sentar-se humildemente n'uma cadeira, até que o official o fosse servir.

Este poz-lhe uma toalha velha ao pescoço, e, sem ter o previo trabalho de dar uma passagem á navalha, começou a escañoar o pobre.

O dono da loja, já velhote, poz as *cangalhas* nos olhos, e aproximando-se da janella, começou a ler o «Commercio do Porto.»

Houve a principio profundo silencio, interrompido apenas pelo som especial que fazia a navalha *cantadeira* so-

bre a cara do paciente, que lá se ia encolhendo conforme podia, pois que o desastrado Figaro lhe ia levando, como é costume dizer-se, a pelle e o cabello.

De repente começou a curvir-se n'aquellas proximidades um cão a ganir. E tanto foi subindo n'aquelle agudo diapasão o pobre cachorro, tamanhos guinchos dava já, que o mestre, não podendo conter-se, interrompe a leitura, e pergunta para o official:

—Que terá aquelle cão, que não se calla ha tanto tempo?

—Olhe, snr. mestre,—responde o pobre mendigo não podendo já tolerar a navalha, e com as lagrimas a saltar dos olhos,—talvez lhe estejam a fazer a barba, pelo amor de Deus!

Notas de sciencia :

Tem ultimamente chamado a attenção dos homens de sciencia a descoberta que fez um medico dinamarquez, o dr. Niels Finsen, ácerca da importancia da luz solar, como agente therapeutico.

N'um jornal inglez dá o dr. Cleveland Moffel alguns pormenores, a respeito das differentes phases d'essa descoberta. Descobriu o dr. Finsen que os raios vermelhos tinham incontestavel valor sobre a variola, e que os raios azues, conhecidos pelo nome de *raios chimicos*, em cujo numero entra o roxo e o ultra-roxo, eram uteis para todas as molestias da pelle.

A variola, tratada segundo o systema do dr. Finsen, não chegava ao periodo da suppuração, ou pelo menos a deixar signaes e cicatrizes sobre a pelle, recebendo os doentes a luz atravez de vidros vermelhos, ou interceptados por cortinas vermelhas.

Se o mal não for muito grave, basta que a luz seja levemente interceptada, a ponto dos doentes poderem ler. Se, porém a irrupção variolosa fôr muito forte, e o mal por conseguinte fôr grave, convem que o vermelho que intercepta a luz seja muito carregado, tendente para o negro.

Desde 1893 que o dr. Finsen tem feito experiencias, e nunca houve doente que, tratado d'essa forma, ficasse com cicatrizes no rosto.

Curiosidades :

Entre os romanos, havia uma classe de homens, chamados gladiadores, que combatiam no circo, quer uns com os outros, quer com os animaes ferozes. Uns d'elles eram escravos, e outros barbaros, vindos das Gallias, ou da Germania. Ensinavam-lhes as leis da esgrima, e os seus senhores, os *lanistas*, ensinavam-lhes até como se havia de cair com graça.

Havia empresarios ricos que sustentavam e educavam grande numero de gladiadores em especies de escolas, e alugavam-os a quem quizesse ganhar o favor do povo, dando combates de gladiadores, quer fosse em festas publicas ou em funeraes de grandes personagens.

Estes combates, introduzidos em Roma no anno 264 A. C., em breve se tornaram populares. A multidão preferia-os ás mais bellas representações theatraes, e chegaram até a apresentarem-se em publico trezentos pares de gladiadores.

Embora fossem notados com infamia, eram numerosos, porque eram bem pagos, e os applausos desenvolviam o sua feroz vaidade. Foi por isso que, desde o tempo de Cesar se viram descer á arena cidadãos, cavalleiros e senadores. Augusto não pôde impedir essa degradação. Chegaram mulheres a combater no amphitheatro, e o imperador Commodo honrou-se das suas victorias, como gladiador.

Foi em vão que o imperador Constantino os aboliu em 326, porque elles tornaram a apparecer, e só o imperador Honorio os proscreevou definitivamente em 403.

Versos escolhidos :

Um mono, vendo-se um dia
Entre brutal multidão,
Dizem lhe deu na cabeça
Fazer uma pregação.

Creio que seria o thema
Indigno de se tratar;
Mas isso pouco importava,
Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,
Proferindo á bocca cheia,
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de legoa e meia.

Isto acontece ao poeta,
Orador e outros que taes,
Nescios! O que entendem menos,
E' o que celebram mais.

BOCAGE.

QUESTAO SOCIAL

O progresso do modernismo

Não é só o proletarismo, cujo movimento tem sido aqui refutado que tem causado mal á sociedade, ameaçando arrastar consigo o que está instituido desde tempos immemoriaes. Outros factores ha que promettem máos resultados, e não podem ser olhados a bem por quem pensa com circumspeção e tem vista que alcance longe. Referimo-nos aos chamados progressos modernos que tem causado innumerous males e promettem causar incalculaveis prejuisos.

Não houve ninguem que não applaudisse com entusiasmo os vehiculos de via accelerada, mormente n'um seculo em que propondera a maxima ingleza de que *time is money*. Por isso, quando os caminhos de ferro vieram substituir a antiga mala posta, tudo foram hosannas e canticos de jabilo, porque enfim em vez d'uma pessoa levar dois e trez dias em ir d'aqui a Lisboa, podia lá ir d'ahi por diante apenas em algumas horas.

Mas que prejuisos não pode causar um comboio, se ha um choque entre duas locomotivas, ou se ha um descarrilamento? São logo duzias, dezenas, e ás vezes centenas de victimas. E se antigamente se dizia que um individuo que ia fazer uma larga viagem, tinha de fazer testamento, por ter de percorrer más estradas, com mudas ameadadas, e ter de pernoitar algumas noites em pessimas estalagens, em risco de ser roubado e morto, agora tambem succede o mesmo, embora o perigo seja differente.

E com o andar rapido do progresso, modificaram-se os costumes, pretendendo todos, correr em vez de andar, voar em vez de correr. E que resultou d'ahi? Inventaram-se os velocipedes, depois chrismados em bicicletas, os automoveis, os carros electricos, os vapores de dupla, triplice e quadrupla expansão, e até as machinas aerias—a que ainda se não chegou a dar direcção, mas que estão em vespuras de ser completamente subjugadas pelo espirito inventivo das perfeições modernas.

E qual foi o resultado? Primeiro muitas quedas, muitas cabeças quebradas, muitos narizes esmurrados, porque os cyclistas queriam chegar de escriptorio a casa, em,

pregando quinze minutos, quando, indo a pé, gastariam cerca de meia hora.

Depois os automoveis vieram fazer uma revolução por que constituíam o *record* da força e da rapidez. Muito bem; isso era indiscutível. Mas o resultado pratico foi a enorme hecatombe da corrida Pariz-Madrid, e depois outras eguaes corridas, em que morreram não só os que iam dentro do carro, como os que estavam na estrada a ver os excursionistas que iam *flunar*...

Depois veio a America que deu grande contingente para estas loucuras do grande modernismo, pois que alem dos carros americanos sobre trilhos em vias planas, estabeleceu caminhos de ferro aerios sobre columnatas, havendo desgraças diarias, e diarios descarrilamentos. E nós fomos imital-os. Apresentou Pariz o seu caminho de ferro metropolitano, formado em subterraneos, sob tunneis. O resultado? A tremendissima desgraça de que se occuparam ultimamente os jornaes.

Ora o *Progresso Catholico* que, comquanto seja um progresso authenticico, irrecusavel, é tambem catholico, isto é, serio, circumspecto e livre de phantasias arriscadas e duvidosas, oppõe-se, em these, a todos estes progressos. que, peor que os retrocessos, só servem para causar males aos nossos semelhantes, que se deixam induzir por chimeras, sem attenderem ás realidades.

Diz o nosso povo muito sensatamente que *boa romaria faz, quem em sua casa está em paz*. E nós paraphraseando, diremos: De que servem estes progressos ephemeros, se a realidade vem transformar tudo ao nada, não pelo aniquilamento da raça—porque não chega a tanto o mal que elles nos causam,—mas porque, vista a sua improficuidade, voltam ao ponto d'onde partiram.

E' pois o caso de se dizer: *Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria*. Traducção livre: Se são prejudiciaes os progressos que realisamos, para que havemos de nos dar ao trabalho da sua confecção?

A.

AS NOSSAS GRAVURAS

A Igreja de Santa Cruz em Vianna do Castello

Em novembro de 1560 participou á Camara de Vianna, o arcebispo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres que ia ali fundar o convento de Santa Cruz, da ordem de S. Domingos. Em seguida sollicitou tambem o consentimento de D. Catharina, regente do reino em nome d'el-rei D. Sebastião, que era então menor. E por fim alcançou do Papa S. Pio V, as bullas necessarias para a fundação, que se realisou em abril de 1563.

Lançou-se a primeira pedra, a 22 de janeiro d'esse anno, e a 4 d'agosto de 1571 celebrou-se a primeira missa na capella mór.

Onze annos depois, entrava n'esse convento, despido já da dignidade de Primaz das Hespanhas, o grande fundador, e abi morreu, como simples religioso, em julho de 1590, na idade de 72 annos.

Depois da extincção das ordens religiosas, conservou-se a igreja de Santa Cruz, ao serviço do culto graças á intervenção dos terceiros dominicanos, e o convento é hoje occupado por algumas repartições publicas.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

—Na quadra estival que atravessamos, e temos atravessado, é sempre costume haver festejos e diversões populares, a proposito das festividades religiosas. E' uma velha

costumeira, que já agora havia de ser difficil desarraigado do nosso povo. E esses festejos e descantes populares, deram-se e repetiram-se a contento do bom do povo em todas as terras do paiz. Entre todas avultou a romaria da Senhora da Agonia, em Vianna que este anno se fez com desusado esplendor, attrahindo copiosa concorrencia de festeiros, que durante quatro dias se divertiram com grandes e variados festivaes. Em todas as praias e thermas, tem havido tambem cavalgatas, excursões e *pic-nics*, já que o governo, tirando-lhes a isca da jogatina, quasi que tornou monotonas, por falta de divertimentos que essa ganancia lhes proporcionava, todas essas praias, onde antigamente se folgava e divertia em toda a extensão da palavra.

—Causou, não diremos sensação, mas inquestionavelmente certa impressão em muitas pessoas catholicas, um artigo publicado no nosso presado collega o «Grito do Povo», e devido á penna do Rev.º Padre Benvenuto da Souza, um dos propugnadores e apóstolos da propaganda e do movimento jornalístico catholico.

Versava o artigo ácerca da facilidade com que algumas pessoas que se denominam catholicas assignam jornaes e publicações religiosas, e depois se recusam ao pagamento das respectivas assignaturas. E diz verdades irrecusaveis, estigmatizando esse procedimento, porque realmente é duro que se façam sacrificios pecuniarios, se perca tempo e se gaste a intelligencia defendendo a religião, combatendo a impiedade e dando exemplos de moralidade e factos para a morigeração dos costumes, e como recompensa d'esses trabalhos e d'esses sacrificios se encontrem individuos que, tendo comprometido a sua palavra e a sua assignatura para coadjuvar esses apóstolos do bem, faltem depois a tudo isso, com uma facilidade e um desplante que causam deveras indignação.

E são tudo verdades irrecusaveis o que o nosso distincto collega affirma n'aquelle jornal. Vejam-se os augmentos e as prosperidades que tem tido a imprensa livre pensadora, e a imprensa anodyna, talvez peor que a outra, fingindo-se catholica ou indifferente, envenena lentamente os leitores, e comparece-se com o abatimento que apresentam os jornaes lisamente catholicos. Emquanto que os primeiros augmentam de formato, compram machinismos caros e illustram as columnas, os segundos estacionam sempre na mesma, escaceando-lhes muitas vezes até os meios indispensaveis para poderem pagar aos empregados, e saldarem os seus imperiosos compromissos. Mas se o mundo está assim formado, que havemos nós de fazer-lhe!

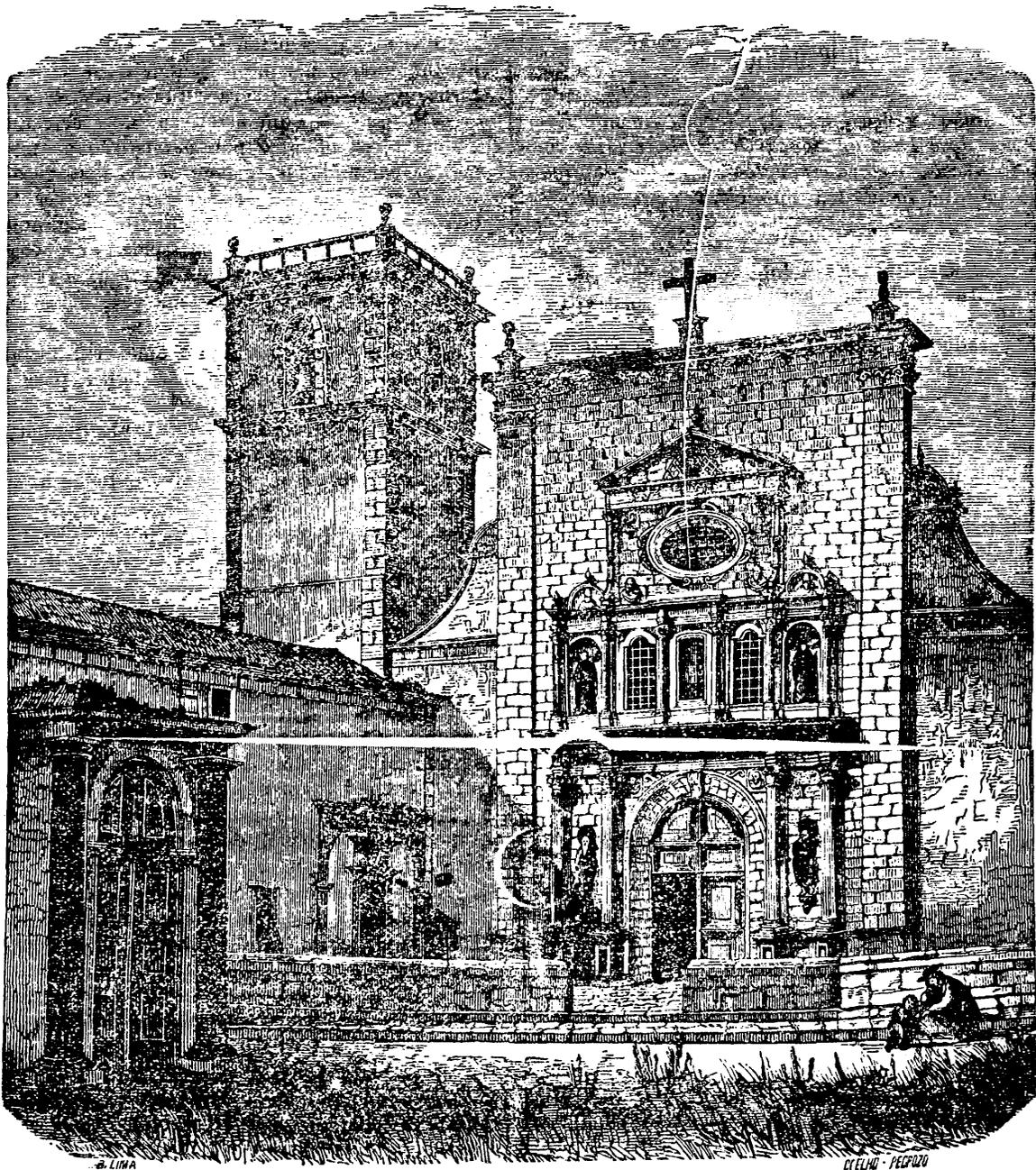
—Por carta que recebemos de Villa Cova de Campião, sabemos que no dia 19 d'este mez, se realisa uma festividade a Nossa Senhora de La Salette, na sua capella, sita no monte denominado Malhada da Fraga, nos limites da mesma freguezia.

As obras da dita capella vão continuando paulatimamente, porque são poucas as esmolas que recebe, e por isso bom seria que as almas piedosas se lembrassem d'essa obra pia, onde está estabelecido o Collegio da Virgem Nossa Senhora.

Foi escolhido o dia 19, por ser o proprio da aparição de Nossa Senhora. Ha praticas durante trez dias, missa solemne, com Santissimo Sacramento exposto, primeira communhão dos meninos, e communhão geral a quem se apresentar devidamente preparado.

Exterior

O *Ossevatore Romano* pede a toda a imprensa catholica a transcripção do seguinte:



A igreja de Santa Cruz em Vianna do Castello

«O snr. secretario da Congregação Consistorial pedenos que façamos conhecer que, na impossibilidade de responder a todos os telegrammas, cartas e felicitações dirigidas ao Santo Padre de todos os pontos do mundo, Pio X agradece de todo o coração áquelles que lhe deram tão espontaneas provas de filial affeição. Juntamente com os seus profundos agradecimentos, manda a benção apostolica.»

—Depois do fallecimento e do enterro de Sua Santidade o Papa Leão XIII, começaram todos os jornaes a fallar do novo Papa, o Pontífice Pio X. Noticiaram a sua exaltação ao solio de S. Pedro; a cerimonia da sua coroação; a audiencia que deu aos cardeaes, que lhes apresentaram os seus secretarios e conclavistas; a sua vida privada com todos os pormenores verdadeiros ou não; a sua tendencia democratica por não seguir á risca a pragmatia usada

pelos seus antecessores; factos que lhes dizem respeito, já no tempo em que foi bispo de Padua, já no tempo em que presidiu ao patriarchado de Veneza... N'uma palavra, nada lhes esqueceu.

Nem a sua propria familia tem escapado á sede de reportagem dos jornaes estrangeiros. Os jornaes francezes não se teem limitado só a publicarem photogravuras do seu retrato, ou das vistas da praça de S. Pedro, durante as festas da coroação; publicam tambem o retrato da fallecida mãe de Sua Santidade que só teve o gosto de o ver cardeal, e das irmãs casadas e solteiras. Todos os principaes *reporters* teem tambem entrevistado amigos e parentes do Pontífice, que tem relatado tudo quanto sabem, e quanto lhes tem constado ácerca de Sua Santidade.

Emfim, tudo tem servido d'assumpto para estes tem-

pos de calma e de praias, em que d'ordinario ha pouco que dizer.

Razão Philosophica

E

Historica da minha crença e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calazans, medico cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.

CONTINUAÇÃO

Nenhum nasceu sobre a terra tal como Henoch, porque elle até foi trasladado da terra (1).»

Para onde?

«Henoch agradeu a Deus e foi trasladado ao Paraiso para exhortar as nações á Penitencia (2).»

«E Jesus lhe respondeu (ao bom ladrão) «Em verdade te digo: que hoje serás commigo no Paraiso (3).»

«E conheço a este tal homem (diz S. Paulo), se foi no corpo, ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe: que foi arrebatado ao Paraiso; e que ouviu lá palavras secretas, que não é permitido a um homem referir (4).»

De todas estas passagens é evidente, que o Paraiso não é na terra, e isto nos basta para o nosso caso: Mas existe uma determinada região assim denominada, ou poderá aquella palavra, tomada em abstracto, ser applicada a qualquer logar ou região, que reuna certas condições, as quaes em relação ao homem devem ser as do estado, em que foi creado, e em que podia satisfazer ao fim da sua criação? E, sendo assim, poderia na terra, ou antes no mundo estabelecer-se uma ordem de coisas, que desse em resultado tambem uma ordem differente de relações do homem com elle? O que equivale a dizer: é compativel com a essencia do mundo, ou com a natureza da substancia material, uma ordem de phenomenos, onde haja accidentes, sujeitos a outras forças, ou regulados por outras leis? Haverá para isso impossibilidade intrinsecas Parece-me terem aqui cabida, *mutatis mutandis*, aquella? considerações de Balme, que citei a proposito da possibilidade da união da alma com outro corpo (cap. 2.º).

De facto, haverá relação necessaria entre a ordem dos accidentes estabelecida e a natureza da substancia, que é d'elles sujeito? Questão é esta, me parece, que a philosophia por si só nunca poderia decidir; mas na fé encontra a razão auxilio, que lhe não permite ficar em duvida. Que são possiveis alterações na ordem natural do mundo mostra-se claramente da Escriptura; e essas alterações parece poderem ser de dois generos: uma radical e universal com mudança completa na ordem geral estabelecida, e talvez tambem nas leis fundamentaes, que regulam as forças, que actuam sobre a materia: outras parciaes, interessando leis muito secundarias; e deixando intacta a harmonia da ordem geral e das leis fundamentaes. D'uma e d'outra nos dá idéa a Escriptura; aqui, porém, occupar-me-hei só da primeira, reservando-me falar das segundas a proposito de outro assumpto. (Parte 2.ª, capit. 2.º)

«Levantai os vossos olhos ao ceo, e olhae cá para baixo para a terra: porque os ceos se desfarão como o fumo, e a terra se gastará como um vestido, e os seus habitadres como estas coisas perecerão: Mas a minha salvação será para sempre, e a minha justiça não faltará (5).»

(1) Ecclesiast. XLIX, 16.

(2) Idem XLIV, 16

(3) S. Luc. XXIII, 43

(4) 2.ª Epist. aos Corinth. XII, 3 e 4

(5) Isaias LI, 6

«Tu não terás mais o sol para luzir de dia, nem o esplendor da lua te alumiará: porém o Senhor te servirá de luz sempiterna, e o teu Deus será a tua gloria.

«Não se porá o teu sol d'ali em diante, e a tua lua não minguará: porque o Senhor te servirá de luz sempiterna, e o teu Deus será a tua gloria (1).»

«Porque eis aqui estou eu, que crio uns ceos novos e uma terra nova, e não persistirão na memoria as primeiras calamidades, e nem subirão sobre o coração.» (2)

«Porque bem como durarão os novos ceos e a nova terra, que Eu faço subsistir diante de mim, diz o Senhor, assim subsistirá a vossa posteridade e o vosso nome.» (3)

«Cuja vez moveu então a terra, mas agora faz uma promessa dizendo: Ainda uma vez, e Eu moverei não só a terra, mas tambem o ceo.»

«Ora isto que diz: Ainda uma vez: declara a mudança das coisas moveis, como cousas feitas, para que permanecam as que são immoveis.» (4)

«Virá pois como ladrão o dia do Senhor; no qual passarão os ceos com grande impeto, e os elementos com o calor se dissolverão, e a terra e todas as obras, que ha n'ella, se abrasarão.» (5)

«Porém esperamos segundo as suas promessas uns novos ceos, e uma nova terra, nas quaes habita a justiça.» (6)

«E vi um ceo novo e uma terra nova. Porque o primeiro ceo e a primeira terra se foram, e o mar já não é.» (7)

Todas estas passagens dão idéa de uma mudança completa na ordem phenomenal do mundo; a Igreja assim o crê, e que essa mudança ha de ter logar no fim do mesmo. Mas quando é que isso ha de ser? no dia marcado para o julgamento dos homens, depois de terminado o periodo da vida de reabilitação. Esta crença corrobora grandemente a base, em que venho fundamentando os meus raciocinios—a finalidade das cousas.

Na verdade, a razão essencial da existencia das cousas parece-me que não pode ser senão o fim para que Deus as destinou; assim, sendo o mundo creado para o homem, o seu fim não pode deixar de estar subordinado ao d'este; não vindo a ser mais do que um meio posto á disposição do homem para satisfazer ao seu fim. Por isso o mundo muda de forma para se adaptar ás condições da sua vida e para satisfazer ás exigencias do fim da mesma. N'esta vida, em que o homem trata de se reabilitar pela fé, o mundo acha-se disposto para servir a esse meio; é um composto de arcanos e de mysterios, mas arcanos e mysterios, que encaminham o homem ao seu destino—dar gloria a Deus—*Cæli enarrant gloriam Dei!* (8)—e não só os ceos ou esse espaço, onde giram os astros, o qual é sem fim para a nossa imaginação; mas desde essas moles immensas até ás cousas mais pequenas da terra tudo proclama a gloria de Deus, e tende a dirigir o homem ao seu fim; mas pela fé, e pela humildade da razão, que nunca deve perder de vista a fé, como o pharol que só a pode guiar sem sossobrar. Quando mudarem as condições da

(1) Idem LX, 19 e 20.

(2) Isaias LXV, 17.

(3) Idem LXVI, 22.

(4) S. Paulo Epist. aos hebr. XII, 26 e 27.

(5) S. Pedr. Epist. 2.ª III, 10.

(6) Idem, idem 23.

(7) Apocalyp. XXI, 1

(8) Psalm. XVIII, 2. O substantivo latino—*cælum*—é em differentes partes da Escriptura tomado em dois sentidos; um abstracto designando a região onde está Deus com os espiritos bemaventurados; o outro concreto designando os astros, como n'este e nas citações precedentes; tudo em summa para se accommodar á nossa comprehensão. Já n'este capitulo me pareceu que se devia tomar pelo mundo espirital; e disse a razão porque.

vida do homem, isto é, quando passar da vida de reabilitação a ser confirmado na graça, então mudará também o mundo. Não será mais para elle um mundo de mysterios, nem haverá mais trevas, porque a verdade se lhe patenteará não por fé e pelo raciocínio, mas por intuição.

Pela mesma razão antes da sua desgraçada queda, sendo muito differentes as condições da vida do homem, a ordem do mundo também devia ser differente, e differentes as relações do homem com elle. Então, posto que essa vida fosse de habilitação á confirmação na graça por meio de provação, o homem vivia no estado de graça e de justiça, em que tinha sido creado, governava e dominava o mundo, de que era senhor, não soffria, e era feliz e immortal. Já se vê, portanto, que as cousas não podiam estar dispostas do modo como o estão para a vida miseravel, que o homem passa na terra; antes o deviam estar de modo, que o mundo fosse para o homem, como realmente era, um paraíso, isto é, uma ordem de cousas, que lhe proporcionavam uma vida deliciosa.

Posto que não tão explicita, como é na idéa que dá da mudança, que ha de ter logar no fim da vida de reabilitação, contudo a Escriptura não deixa de a dar também da que se operou, quando o homem passou da primitiva para esta. Essa idéa está bem consignada na expulsão do Paraíso, e na condemnação, que o homem soffreu, pela qual é evidente o differente genero de vida, a que passou, assim como a differença das suas relações com a terra, que deixava de produzir, como até alli, espontaneamente os fructos deliciosos, que lhe alimentavam a vida, para d'ahi por diante só á custa de trabalho e de suor poder tirar d'ella o seu sustento, e ainda assim brotando de entre espinhos e abrolhos. E podia isto acontecer sem uma mudança na ordem natural do mundo?

Indicando também essa mudança, e em confirmação do que fica dito, isto é, que a ordem natural do mundo se accomoda e se adapta como meio ao fim do homem, parece-me vir também a seguinte passagem da Escriptura:

«Pelo que a expectação da creatura é esperar anciosamente a manifestação dos filhos de Deus.»

(Continua)

A Imprensa

Segundo parece deprehender-se d'um manuscrito existente nos archivos municipaes de Anvers, o jornal appareceu na Belgica em 1605. Possui esta nação um dos periodicos mais antigos do globo, a *Gazette de Gand*, fundada em 1667 e que ainda hoje se publica, e que conta, por conseguinte, 236 annos de idade. Esta gazeta é a unica que existe redigida em flamengo, dialecto já pouco fallado e em que se compozeram os primeiros jornaes dos Paizes-Baixos. Actualmente, o mais importante jornal da Belgica é *L'Independence Belge*, fundado em 1831 com o titulo de *L'Independent*. O seu primeiro redactor foi Faure, um francez que elevou a gazeta a um alto grau de prosperidade de que ainda hoje goza. Foi substituido por um outro francez, Beserdá, que por muitos annos se conservou á testa d'aquelle jornal. *L'Independence* é um dos jornaes de maior circulação na Europa, contando entre os seus collaboradores quasi todos os membros da Academia Franceza e os maiores escriptores contemporaneos, como Tolstoi, Annunzio, etc. Possui correspondentes nas principaes capitães da Europa, que põem o jornal, dia a dia, ao corrente dos successos mais notaveis. Só em Paris tem quatro correspondentes: o litterario, o dramatico, o politico e o noticioso. Entre os orgãos diarios da imprensa

belga são dignos de menção o *Bien Public*, de Gand, o *Courier de Bruxelles* e o *Peuple*, orgão socialista.

Na Hollanda, o berço do jornalismo, a liberdade da imprensa encontrou sempre franco respeito, e á sombra da tolerancia o jornal poude desenvolver-se. Depois do *Nieuw Tydinghen*, começou a publicar-se em Amsterdam, em 1663, um jornal exclusivamente noticioso. Os exilados de diversos paizes que iam procurar á Hollanda refugio e asylo, também ahi tiveram os seus jornaes, porventura os que fizeram mais sensação na Europa nos seculos XVII e XVIII. Entre outros jornaes, citaremos as *Noticias das côrtes da Europa*, do illustre Bayle (1684-1689) que corriam por toda a Europa clandestinamente. Actualmente existem em toda a Hollanda cerca de trezentos periodicos.

Vimos já que o primeiro jornal que se publicou na Allemanha foi o *Ordinari Zeitung*, que via a luz da publicidade em Augsburg e que era propriedade dos banqueiros Fugger. Desde então os jornaes multiplicaram-se, conservando o nome de *Zeitungen*. No fim do seculo XVI appareceram as *Relações semestraes*, que tinham diversos correspondentes nas cidades da Allemanha e que inseriam as noticias mais palpitantes do tempo. Foi n'este paiz que se inventou a instituição do annuncio, publicando-se folhas volantes, méramente annunciadoras, que circulavam em 1670 pelo norte da Prussia. Nos meados do seculo XVIII era rara a cidade de alguma importancia que não tinha o seu periodico. Mas eram jornaes rudimentares na sua maioria; a unica publicação importante era a *Frankfort Zeitung*, que sabia duas vezes por semana. Nos principios do seculo XIX existia na Allemanha um jornal, o *Mercurio rhenano*, que exerceu uma consideravel influencia politica. Dirigido pelo celebre Görres, foi esse periodico quem mais contribuiu para o mallogro dos esforços de Napoleão, merecendo por isso ser denominado—a quinta grande potencia.

Os jornaes litterarios são conhecidos desde o seculo XVIII, seculo em que appareceram os *Documentos de Bremen*, collaborado por Klopstok, a *Thalia*, revista dramatica de Schiller; o *Atheneu*, orgão das doutrinas de Schelegel; e o *Mercurio allemão*, que deve a sua fundação a Wieleno. Entre os jornaes litterarios actuaes merecem noticia: a *Revista trimestral allemã*, fundada por Cotto, e que se publica em Stuttgart; o *Gastelambe*, fundado em Leipzig em 1858 e que tira 320.000 exemplares e a *Gazeta Illustrada*, de Weber, fundada em 1814. Os mais importantes jornaes scientificos são: a *Natureza*, o *Globo* e o *Paiz natal*. Ha um grande jornal de caricaturas, o *Kladderadatsch*, que se publica em Berlim e é muito procurado no estrangeiro.

Na Allemanha ha jornaes antiquissimos, como são por exemplo: o *Correspondente de Hamburgo*, fundado em 1614; a *Gazeta de Woss* e a *Gazeta de Spencer*, que conservam o nome dos seus fundadores e que teem mais de cem annos de existencia; a *Gazeta de Allemanha*, que é um dos jornaes mais considerados pela importancia dos artigos que publica. Apesar d'esta antiguidade, o desenvolvimento do jornalismo politico só se accentuou desde 1848. N'este anno havia já em Berlim 20 jornaes politicos, alguns dos quaes suspenderam já a publicação; mas ainda se conservam, como reliquias d'essa epoca, a *National Zeitung* e a *Franz Zeitung*, orgãos liberal um, catholico e conservador o outro. Também são d'esse tempo a *Gazeta Universal da Allemanha do Norte*, orgão do ex-chancellor Bismarck; as *Noticias de Hamburgo* e a *Gazeta de Viser*, um dos melhores jornaes politicos do imperio. A estatistica de 1842 dava á Allemanha 1743 jornaes

diarios, isto é, um jornal diario para cada 24:000 habitantes. Actualmente publicam se em todo o imperio uns 2:500 diarios, dos quaes mais de 60 só em Berlim.

Os jornaes independentes são os que na Allemanha teem maior diffusão. A *Franz Zeitung*, que adquiriu no tempo de Bismarck uma importancia consideravel, perdeu essa importancia com a morte de chanceller. Succedeu-lhe em circulação a *Kolnische Zeitung*, que publica trez edições diarias, e, por ordem da tiragem, veem depois: o *Berliner-N'euste-Naschriften*, de que era proprietario o recém-fallecido Krupp, o conhecido inventor dos canhões do mesmo nome; o *Post*, órgão dos conservadores liberaes; a *Germania*, órgão do partido do centro e a *Gazeta de Voss*, já citada que defende o partido progressista moderno. O *Berliner Tageblatt* tem uma tiragem diaria de 70:000 exemplares e é o verdadeiro typo do jornal moderno, publicando uma serie de supplementos dedicados alternadamente ás questões commerciaes, technicas, agricolas, artisticas, scientificas e humoristicas. Maior tiragem teem porém o *Berliner Lokalangeizer* e o *Berliner Margenzeitung*, jornaes que exploram a noticia de sensação, e que são os mais famosos inventores dos carapetões que lá fóra apparecem a nosso respeito. São curiosos alguns processos dos grandes jornaes allemães para attrahir o favor publico: assim o *Tageblatt* abriu, na sua redacção, um escriptorio de advogado para uso gratuito dos seus assignantes, o *Lokal-Angeizer* estabeleceu succursaes nos quatro grandes bairros da cidade para dar consultas aos seus leitores, e o *Berliner Margenpost*, que já tira 200:000 exemplares diarios, dá, annualmente, um premio colossal em dinheiro ao assignante que lhe enviar a noticia mais sensacional.

O partido socialista moderado, que tem fundas raizes na Allemanha, possui uma imprensa numerosa, ainda que pouco escrupulosa. O movimento feminista tambem tem o seu órgão, o *Bazar*, que tira muitos milhares de exemplares. E até o imperador Guilherme tem um jornal seu, talvez o mais caro do mundo, que é feito exclusivamente para a sua regia pessoa e do qual se tiram apenas dois exemplares. O original para esta imperial gazeta é cortado dos differentes jornaes de grande circulação que se occupam da situação dos varios paizes europeus. Sahe sempre duas horas depois da chegada do correio estrangeiro á capital allemã. Um dos exemplares vae para a mão do imperador, o outro para os archivos imperiaes.

E' impossivel dizer em que epoca o jornal entrou na Austria. A historia da imprensa d'este paiz, e da vizinha Hungria, é completamente desconhecida. Os mais antigos jornaes existentes nos archivos d'esta nação são datados do começo do seculo XIX. A estatistica de 1872 dá-nos para todo o imperio 1:016 jornaes politicos, redigidos em diversas linguas, sendo 600 em allemão, 170 em hungaro, 79 em tcheque; 58 em polaco, 50 em italiano; 22 em sloveno, 9 em rutheno, 8 em romanico, 6 em croata, 5 em servio, 3 em hebraico, 2 em grego, 2 em slovaco e 2 em francez. Este numero deve estar hoje muito elevado. Dos grandes jornaes austriacos, o principal é, actualmente, a *Gazeta de Vienna*.

O jornal entrou no visinho reino em 1620. N'esse anno publicou se a *Gaceta de Madrid*, periodico de character official. A sua evolução jornalística fez-se lentamente; mas hoje a Hespanha possui excellentes jornaes, de larga tiragem e grande informaçã politica e telegraphica, como são o *Heraldo* e o *Imparcial*. Os jornaes illustrados e as revistas de especialidade tem larga extracção entre *nuestros-hermanos*; Barcelona é,

principalmente, um centro notavel de industria typographica e jornalística, d'onde saem quasi todas as publicações illustradas. Entre estas são dignas de menção: *La Ilustracion Hispano-Americana*, tão largamente divulgada em Portugal e na America do Sul, o *Blanco y Negro*, *Nuevo Mundo* e *La Saeta*.

A imprensa italiana tem feito notaveis progressos, o que não admira, sabendo-se que a Italia é a patria das letras, das artes e das sciencias, e que a instrucção está muito divulgada. A acção do Papado tem protegido immensamente a imprensa; e se Gregorio XIII se viu uma occasião obrigado a lançar o anathema sobre certos jornaes, os outros Pontifices não cessaram de incitalla a collaborar na obra commum da instrucção e moralisação da sociedade. A Italia possui hoje jornaes de primeira ordem; que immensa evolução realisada desde o apparecimento das remotas *Notizie scritte* até hoje! *Il Secolo*, *Corriere della Sera*, *La Voce*, *L'Osservatore Romano* são jornaes modelares na factura e na forma litteraria que revestem.

Na Russia, mercê do autocratismo imperial, quasi não existe imprensa. As *Novosti* e o *Novoi Wremia* são os unicos jornaes que se conhecem fóra d'aquelle paiz, que occupa quasi metade da Europa. Ao todo existem na Russia, para uma população de 148 milhões de habitantes, noventa jornaes apenas. As rasões d'esta diminuta percentagem encontra-as o leitor n'um dos capitulos que se seguem, relativamente á lei da imprensa no estrangeiro, e ao regimen especial e extraordinario a que a imprensa está sujeita na Russia.

Na Romania, como na Servia, a imprensa é ainda hoje uma instituição quasi ignorada. No anno de 1868 publicavam-se na Romania 33 jornaes e na Servia 28, dos quaes 19 em Belgrano, capital, e 9 nas provincias. E' de notar-se que qualquer d'estes paizes tem uma população superior á da Suissa e á da Belgica.

O primeiro jornal impresso em lingua grega foi publicado no estrangeiro. Era uma gazeta scientifica que começou a publicar se em 1811 em Vienna de Austria. Só em 1824 viu a luz da publicidade, em Athenas, um jornal politico, a *Trombeta*, fundado apoz a independencia da Grecia, proclamada pela Russia, Inglaterra e França. O periodo do jornalismo scientifico foi assignalado em 1831 pelo apparecimento da *Eginiana*. Em 1851 já a Grecia possuia 54 jornaes; hoje passam de mil as gazetas que se publicam em lingua grega.

Na Turquia, paiz selvagem e atrazado, fóra do convívio brilhante da civilisação, o jornalismo foi creado pelos francezes e inglezes. Ha allí um diario official, que insere as resoluções (*firmans*) da Sublime Porta. Publica se tambem um periodico scientifico em lingua turca, o *Medjomoni Fouhou*, fundado em 1863 pela Academia scientifica de Constantinopla. Os outros jornaes que se publicam no imperio são impressos em francez, inglez e allemão.

(Continua)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

«O Papa e a diocese» carta pastoral de D. Theotónio, bispo de Meliapor, impressa em Ootacamund. E' dedicada ao Solemne Jubileu de Leão XIII em Abril d'este anno.

—O n.º 7 do 1.º anno dos «Echos de Roma» esplendida revista mensal illustrada, que se publica em Roma. Traz muitas e bellas gravuras.

Vade Mecum do Seminarista—Assim se intitula um precioso livrinho que acaba de sair das officinas da Typographia Catholica do sr. José Fructuoso da Fonseca, e que se vende exclusivamente n'aquella casa ao preço de 200 reis.

E' um precioso livro, que deve andar nas mãos de todos os seminaristas. Trata da entrada do seminarista no Seminario, quaes as disposições que deve ter quando entra no Seminario, o retiro espiritual, a confissão e communhão no retiro, perseverança depois do retiro, o regulamento geral, convivencia com os superiores, convivencia com os companheiros, escolha d'um monitor, methodo da oração, o que deve fazer-se no estudo, os livros do seminarista, quaes as tentações mais communs, etc.

Depois traz uns pequenos e interessantes capitulos sobre o modo como o seminarista deve passar as ferias.

O livrinho é bom e barato.

Merece mil louvores o illustrado traductor.

—O n.º 10 do 3.º anno da revista mensal «Santa Cruz» notavel publicação que sae á luz em S. Paulo, cidade do Brazil. Traz uma nitida gravura, representando o retrato de Leão XIII.

—O «Summario do Registo Parochial» por Antonio José Lopes da Luz, Vigario de Nossa Senhora das Candelarias—Candelaria, ilha de S. Miguel—Açores. Diz o Rev.º Eugenio Pacheco, professor de sciencias naturaes no lyceo de Ponta Delgada que o auctor tambem escreveu os *Boletins e Indices Parochiales* que foram honrados com uma medalha d'ouro (1.ª classe) pela secção de sciencias e lettras na Exposição insular do anno findo. Custa 400 rs. cada exemplar, devendo ser feito os pedidos a Monsenhor Elviro dos Santos, prior de Santa Engracia, Lisboa. Enviamos o leitor para o annuncio que adiante vae publicado.

—O n.º 1 da 5.ª serie, 9.º anno da «Voz de Santo Antonio» revista mensal illustrada, que se publica em Braga. Traz 3 magnificas gravuras.

—«Almanach da democracia christã», para 1904. E' uma curiosissima publicação, com muitos e variados trechos em prosa e verso, anedoctas, poesias, etc. e alem d'isso 51 gravuras, tudo pela quantia de 100 rs.! E' o que se chama um ovo por um real. Vende-se em Lisboa, na respectiva administração, Travessa do Convento de Jesus, n.º 23—3.º

Biblia Sagrada—Segue com toda a regularidade esta preciosa edição, luxuosamente illustrada. Está em distribuição o fasciculo n.º 103. Já dissemos que esta publicação é auctorizada pelo Em.º Cardeal Patriarcha, revista pelo sr. Dr. Conego Senna Freitas, commentada e annotada pelo sr. Dr. Santos Farinha, professor de lingua hebraica no Seminario de Lisboa.

Assigna-se e vende-se na Agencia Universal Litteraria, rua de D. Pedro, 116 1.º andar, e nas livrarias.

Peregrinação a Lourdes

Na segunda feira 17 do mez findo embarcaram em diferentes pontos do paiz, com destino a Lourdes innumeros peregrinos portuguezes. Em Ermezinde juntaram-se os peregrinos do norte com os do sul, e em comboio especial, seguiu tudo com ordem e animação.

Entre os peregrinos, foram alguns aleijados, plenamente confiados em que a milagrosa Virgem lhes dê saude. Foram tambem bastantes senhoras. Algumas senhoras açorianas, que acompanharam os peregrinos de Braga levaram uma rica bandeira de seda bordada a ouro, calculando-se que só o bordado valia 400\$000 reis.

Quando o comboio transpoz a fronteira portugueza, levava 214 peregrinos.

Na quinta-feira 20 de manhã, davam entrada no santuario da Virgem, onde já eram esperados pelo Em.º Cardeal Patriarcha, vice-reitores dos seminarios de Braga e Guimarães, etc. Já chegaram.

ANNUNCIOS

CARTAS ENCYCLICAS

DE

S. Santidade Leão XIII

5 VOLUMES

Brochado 2\$300 reis
Encadernado 3\$000 »

A' venda na Typographia do editor José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria, 74—PORTO.

Vade-Mecum do Seminarista

(Tradução livre)

Preço 200 réis

A' venda exclusivamente na Typographia do editor JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA—Rua da Picaria, 74—Porto.

IMITAÇÃO DE CRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.º e Rev.º Sr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços :

Em percalina 300 reis
Em carneira com folhas douradas 500 »
Em chagrin, douradas 1\$000 »

A' venda na Typographia do editor JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA—Rua da Picaria, 74—Porto.

Annuario do Registo Parochial

POR

Antonio José Lopes da Luz

Vigario de Candelaria, Ponte Delgada, Açores

Preço 400 reis

Pedidos a Monsenhor Elviro dos Santos, Prior de Santa Engracia—LISBOA.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peixoto do Amaral

1 vol., broch. . . . 400 reis

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.^a O SNR.

Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc. . . . 250 reis
Douradas 500 »

Vieira-Prégador pelo rev.^{mo} Padre Gonzaga Cabral 2 vol. broch. 2\$000

Vida, virtudes e milagres do B. João Grande. 1 vol. broch. 500

O postolado da imprensa — O Apostolado da educação — O Apostolado do clero — Conferencias religiosas que nos domingos da quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750

Vida Popular de S. João de Deus. Fundador da Ordem que usa o su nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignazio Maria Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas approvações. 4 vol., broch. 500

Historia de S. Francisco de Assis por J. M. S. Daurignac. Tradução de M. Fonseca. 1 vol. broch. 600

Catecismo para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago. Approvado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

As Tres Rosas dos Escolhidos Por Monsenhor Ségur. Tradução franceza pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães—Com um breve de S. S. Leão XIII, e approvado e recommendado pelo Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. 200

A Mãe segundo a vontade de Deus, pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertida do francez, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochado. 600

Resumo da Doutrina Christã. Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto. Cada cento, 1\$000 reis. Um exemplar. 20

Bento José Labre—Tributo de respeito no seu primeiro centenário, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

Sorrisos d'um velho—A verdade a rir—O erro chorando—Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.^{mo} Snr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. 400

A Santa Montanha de La Salette por A. J. Almeida Garret—Approvado pelo Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch. 400

A Questão dos Jesuitas por J. F. da Silva Esteves—1 vol. broch. 600

Historia de S. Francisco de Sales pelo Marquez de Ségur. Traduzida por M. Fonseca—1 vol., brochado 600

Uma Visita a Lourdes pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães 1 vol., broch. 200

A Mulher. Apontamentos para um livro, por A. Severo Catalino, traduzido pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães—1 vol., brochado 400

O Livro de Todos pelo Abbade J. Berthier M. S. Vertido do francez pelo snr. A. Peixoto do Amaral. 1 vol., broch. 600

Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus. Approvadas para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899. 40

Formula de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. 50

Preces que por ordem de Sua Santidade Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as egrejas do orbe catholico—Tradução approvada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portuguez, 10 reis—Em latim e portuguez 50

Oração para se offerecer a Sagrada Communhão—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. 40

Formula de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1899—Tradução approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar 40

Jesus Vivo no Padre—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portuguezes. — Um grosso vol., broch., 700, enc. 900

A Confissão Sacramental—Pelo Ex.^{mo} Snr. Padre Manuel Marinho—Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 250

Defesa da crença catholica — (refutação das «Lendas Christãs» pelo snr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. 500

Modo de ouvir missa pelos defunctos e orações do hom christão. Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral. Com approvação do Ex.^{mo} Snr. Vigario Capitular. 1 vol., broch., 100—enc. 160

As Chammas do Amor de Jesus—ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abbade D. Pinnard (5.^a edição). Tradução pelo Reverendo Padre Silva, professor do Collegio de Cuenjães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espiritual dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto; Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.^{mo} Snrs Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.^o—Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado, 700 reis e pelo correio 740

Tudo por Jesus ou caminhos faceis do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe de Nery, de Londres, Doutor em Theologia—Obra traduzida do inglez para o francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua para o portuguez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch., 600—enc. 800

O mez de Maio consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus. Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissão e approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. 400

Vida popular de S. Vicente de Paulo—pelo Padre Berhigner, conego honorario de Bordeus e Arcyprate de Ligorno—traduzida do francez, por M. Fonseca—Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de Jamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.